

**PRÁTICAS DE ESCRITA LIBERTÁRIA:
ENSINO FUNDAMENTAL E ESCRITAS DE SI**

Penélope Cavalcante Monteiro (UNIGRANRIO)

pelmonteiro reserva@gmail.com

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

Jurema Rosa Lopes (UNIGRANRIO)

jlopes@unigranrio.edu.br

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar o projeto de pesquisa “Práticas de Escrita Libertária: A Literatura Infanto-juvenil como incentivadora das escritas de si”, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. O projeto pretende investigar se o trabalho com a Literatura em sala de aula motiva os alunos do Ensino Fundamental para que estes se tornem protagonistas de sua escrita, capazes de exprimir em palavras suas intenções, necessidades, desejos, pensamentos e sentimentos de forma autônoma. Para tanto, em uma turma de uma escola pública do município de Duque de Caxias, utilizará diários para não apenas incentivar a leitura, como também a escrita. Durante um período pré-estabelecido, os alunos lerão diários de autores consagrados da literatura e ainda de escritores, cujo universo seja mais próximo ao seu – textos que tratem sobre a infância e adolescência. Em seguida, serão incentivados a escreverem seus próprios diários. Finalmente, por meio da apresentação de questionários, verificar-se-á se os alunos perceberam seu interesse pela literatura aumentou e também se se sentiram mais motivados a escrever.

Palavras-chave:

Diários. Escrita. Literatura. Ensino Fundamental.

1. Introdução:

Desde os tempos pré-históricos, o homem busca, de forma quase instintiva, maneiras de registrar suas experiências de modo que estas perdurassem no tempo. ‘Registrar’ significou comunicação entre as pessoas: no tempo – transmitir saberes às futuras gerações – eno espaço – transmitir algo para quem não está próximo. Para atingir este objetivo, a humanidade utilizou muitos e variados suportes, que vão desde pedras a tabuinhas de argila, passando por peles de animais ao córtex das árvores, iniciando com desenhos rudimentares até culminar no que hoje chamamos de escrita. E, muito embora tenhamos suportes digitais em larga escala na atualidade, foi o livro, a partir Gutemberg e seu sistema de impressão, que possibilitou que a criação literária estivesse acessível a um maior número de pessoas.

Ao realizar uma breve pesquisa sobre como as culturas se desenvolveram e a maneira pela qual o conjunto de hábitos, costumes, formas de pensar e maneiras de agir foram transmitidas entre as gerações, pode-se observar que a literatura foi o principal veículo responsável pela circulação destas ideias. Seja por meio da literatura oral – é inegável a importância assumida pela tradição oral em vários períodos da História da Humanidade e, ainda hoje, em muitos aspectos da vida humana – ou pela literatura escrita, o homem recebeu o legado das gerações anteriores e, mantendo ou renovando o conteúdo que lhe foi apresentado, valeu-se de ambas para fazê-lo.

A Literatura é, portanto, não somente a arte responsável por entreter e encantar os homens, mas também é veículo essencial à informação, repasse de valores, registro de costumes da sociedade em que se insere e, sobretudo, matéria formadora de conhecimento e reflexão humana.

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (COUTINHO, 1978, p. 9-10)

E justamente por ser composta daquilo que é mais essencialmente humano – *a palavra* –, considera-se a Literatura como arte primeira, a mais importante dentre as Artes.

Tome-se a Literatura, portanto, como o tema central desta pesquisa, sobretudo a Literatura Infantil. Ressalva-se, porém, que o conceito de Literatura Infantil, por si só, traz certo incômodo ao elaborador desse projeto, já que, ao fazer esse recorte do que se considera Literatura em algo mais específico e segmentado, corre-se o risco de diminuir sua relevância e merecimento. Todavia, torna-se necessário, para efeito didático, recurso largamente utilizado para fins acadêmicos.

A História relata que na Idade Média inexistia o sentimento da infância, ou seja, não havia o reconhecimento da infância como uma fase distinta da idade adulta, repleta de peculiaridades e particularidades. Tão logo a criança fosse capaz de viver sem a atenção e disponibilidade constantes da mãe, ingressava na sociedade dos adultos. Ambos compartilhavam dos mesmos eventos e se apropriavam dos mesmos conteúdos.

A partir do século XVII, a criança começa a ser vista sob uma nova perspectiva. Embora mais próxima à ideia moderna de infância, a criança é, ainda, considerada como alguém que convém instruir, corrigir e moldar, visando ao modelo cristão e racional. Registram-se, nesse período, obras literárias com teor moralizante e maniqueísta, cuja intenção era ensinar, educar moralmente os pequenos.

É, então, no século XVIII, com o modelo de família burguesa que viria a preconizar valores próprios como a primazia da vida doméstica, o casamento e educação dos filhos, o afeto entre seus membros e a privacidade do núcleo familiar restrito, que se observam mudanças profundas na sociedade e na maneira de se olhar para a infância.

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN, 1994, p. 13)

O “nascimento” da Literatura Infantil decorre da ascensão da Burguesia e, portanto, do novo modelo de família, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emersão deveu-se, antes de tudo, à associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas de modo a servir às necessidades de instrução estabelecidas por esta. De tal modo, evidencia-se que a criação de uma literatura específica para as crianças consistia numa intenção formativa, informativa e, até, enciclopédica.

Atualmente, define-se Literatura Infantil como gênero literário produzido para o público infantil. O que define este segmento literário é, portanto, a faixa etária para a qual se destina o texto, determinada, obviamente (ou não) por adultos.

São as crianças, na verdade, que o delimitam, com sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*. (MEIRELES, 2006, p. 15)

No Brasil, as primeiras obras dedicadas ao público infantil chegaram ao final do século XIX e consistiam em adaptações de obras destinadas ao público adulto ou traduções de obras estrangeiras. A adaptação já era recurso exaustivamente utilizado no Velho Continente, tanto que muitas obras, conhecidas até hoje como infantis, não o eram. Todavia, sofreram tantos e repetidos processos de adaptação que se perderam da ideia

original. Carl Jansen (1829-1889), podemos citar, alemão radicado no Brasil, foi responsável pelas primeiras traduções de *Robinson Crusóe*, *Viagens de Gulliver*, *As Aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen* e *D. Quixote de la Mancha*, entre os anos de 1880 e 1890.

A partir daí, a Literatura Infantil Brasileira passou por vários momentos significativos, diversos escritores deste segmento tornaram-se renomados. É de suma importância mencionar José Bento Monteiro Lobato, considerado, ainda hoje, um dos maiores autores de Literatura Infantil e, pela maioria, “Pai da Literatura Infantil Brasileira”. Sua obra, riquíssima, constitui-se de títulos que vão desde as adaptações de clássicos da Literatura até a criação de uma espécie de “república ideal” – o Sítio do Picapau Amarelo.

Muitos estudiosos denotam a importância do ensino da Literatura nas escolas, não somente como disciplina escolar obrigatória, mas como meio de desenvolvimento pleno do aluno, de sua capacidade criativa e conhecimento de mundo. Nelly Novaes Coelho, por exemplo, em seu intitulado *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*, afirma, após enumerar os motivos pelos quais se recomenda o ensino de Literatura nas escolas, dentre estes: desenvolvimento das habilidades intuitivo-criativas dos alunos e aquisição de consciência crítica, que “é nessa ordem de ideias que se inscreve a importância dada atualmente nas escolas à leitura de textos literários.” (COELHO, 2000, p. 268)

Consciente de que a Literatura Infanto-juvenil constitui-se numa riqueza inenarrável para a formação do sujeito leitor e que esta contribui enormemente para a capacidade do leitor investigar e compreender a si mesmo e o mundo que o cerca criativamente, também, que a escola, como espaço comprometido com a educação do indivíduo, é responsável por promover as condições de desenvolvimento das potencialidades do aluno, oportunizando a formação e a transformação de sua linguagem, seu pensamento e sua sensibilidade, o olhar do pesquisador volta-se, em especial, para a relação entre a Literatura em sala de aula, o papel do professor enquanto mediador, a estética da recepção e a prática da escrita pelos alunos.

Logo, pretende-se investigar se o trabalho com a Literatura em sala de aula motiva os alunos para que estes se tornem protagonistas de sua escrita, capazes de exprimir em palavras suas intenções, necessidades, desejos, pensamentos e sentimentos de forma autônoma.

A pesquisadora, professora atuante em duas Redes Públicas de Ensino e estudante devota do tema, frequentemente se questiona sobre as

práticas utilizadas em sala – exercício que todo professor deve entender como essencial ao processo de autoformação. Urge questionar não só os limites entre a arte literária e “pedagogização” desta e entender como esse processo se dá em outros ambientes, mas também observar se o ensino da Literatura no Primeiro Segmento mostra-se como aliada indispensável à formação de jovens escritores.

Entender essa dinâmica torna-se fundamental para compreender a visão que o professor da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias tem sobre o assunto, de como a Literatura é tratada no ambiente escolar e, conseqüentemente, o que isso implica no processo formativo de jovens leitores e alunos capazes de escrever sobre sua realidade e o mundo que os cerca.

A partir desta pesquisa inicial, a Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias, assim como os professores envolvidos de alguma forma nesta, poderão, caso haja interesse, analisar sua postura diante do tema abordado, avaliando, revendo, modificando ou mantendo sua prática cotidiana no que concerne ao âmbito da questão.

2. *Objetivos da Pesquisa*

É inquestionável a preocupação dos educadores com as questões relativas à Literatura na escola. Dicotomia configurada desde o surgimento de uma escrita pensada para o público infantil e o novo modelo escolar instituído aos moldes burgueses, ainda hoje educadores se questionam sobre os limites entre discurso estético – especificamente o literário – e o discurso pedagógico no processo de escolarização.

Magda Soares afirma que a escolarização da literatura não se constitui num problema tampouco o termo “escolarizar” pode ser encarado de forma pejorativa. O que deve ser criticado é a forma inadequada, errônea e imprópria da escolarização da literatura, sob pena de deturpar, distorcer, falsificar, desfigurar e desvirtuar essa literatura (SOARES, 1999).

Neste campo, os desafios são vários: desde a dificuldade de se trabalhar o texto literário em sala dissociado do processo avaliativo, de promover a leitura autônoma, de contribuir no processo de formação de alunos leitores até aqueles de ordem financeira e estrutural, como a dificuldade do acesso ao livro literário.

Nesse contexto, os estudos sobre certo gênero literário ganham força a partir da década de 1970, quando as instituições reguladoras como a família, escola e sindicatos, dentre outras tantas, deixam de ocupar a centralidade da vida dos indivíduos: a autobiografia.

A autobiografia constitui-se num gênero já percorrido com por diversos expoentes da Literatura nacional e estrangeira em diferentes espaços e tempos. De Santo Agostinho a Lima Barreto, muitos foram aqueles que ousaram desnudar-se frente ao leitor, pretendendo apresentar-lhes “a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa” (DUQUE ESTRADA, 2009, p 15).

Aliando a necessidade de se discutir o ensino da Literatura nos limites da sala de aula e a possibilidade de estabelecer um trabalho de caráter autobiográfico junto aos alunos do primeiro segmento da Rede de Ensino Municipal de Duque de Caxias, pretende-se analisar se o trabalho com as oficinas propostas pela pesquisadora, nas quais o aluno vivenciará experiências com a leitura literária abordada de forma lúdica e extensiva, servirá como estímulo para uma escrita espontânea e significativa, sobretudo do gênero autobiográfico.

Logo, faz-se mister enumerar alguns objetivos específicos que nos conduzam ao alcance do objetivo maior estabelecido, a saber: descrever as práticas leitoras literárias desenvolvidas em sala de aula a fim de investigar de que maneira se dá a abordagem dos textos literários infanto-juvenis; identificar na escrita dos alunos elementos que evidenciem a relação entre a Literatura e a representação de si mesmo; verificar os avanços no processo de escrita autônoma dos alunos por meio dos textos escritos no gênero autobiográfico.

3. *À guisa de reflexão: a importância do tema e a fundamentação teórica da pesquisa*

Tanto a Literatura quanto a Escola possuem caráter formativo. A primeira é responsável pelo encantamento, a criatividade, o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações e a consciência de si mesmo e de sua relação com o outro e a segunda é responsável pela formação de um indivíduo capaz de agir e modificar a realidade na qual está inserido, valendo-se dos conhecimentos adquiridos durante o processo de escolarização.

Portanto, a escola, como espaço comprometido com a educação do indivíduo, é responsável por promover as condições de desenvolvimento das potencialidades do aluno, oportunizando a formação e a transformação de sua linguagem, seu pensamento e sua sensibilidade.

Tomando-se por base a ideia de que o trabalho com a Literatura é, também, fator contribuinte para constituição de um indivíduo crítico, sujeito protagonista de sua própria história e, considerando que, grande parte do alunado brasileiro não se reconhece leitor – 49% dos alunos entrevistados pertencentes ao Ensino Fundamental I afirmaram que “não gostam de ler” e 41% “gostam um pouco” segundo a Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, dados de 2015 –, faz-se necessário uma análise de como ocorre esse processo dentro dos limites da sala de aula.

Sobre o gênero a ser enfocado durante a realização da pesquisa – o autobiográfico –, Leonor Arfuch descreve o ato de relatar a si mesmo, seu cotidiano e o mundo que cerca o indivíduo como uma “obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca pela transcendência” (ARFUCH, 2010) ao que se soma o caráter de empoderamento atribuído às escritas de si daqueles que experimentaram todo o tipo de dificuldade e que se ancoram no registro dessas experiências como espaços de resistência e reconstituição de suas identidades.

Exemplificando a vertente de escrita autobiográfica como forma de resistência e empoderamento, a Literatura coroa escritores como Maria Carolina de Jesus e Anne Frank. O diário pessoal de ambas, descobertos pelo acaso que as circunstâncias da vida desenharam, transformaram-se em verdadeiras obras aclamadas sem que houvesse essa intenção no momento da redação.

A primeira, uma catadora que vivia na favela do Canindé no fim dos anos 40, registrava sua rotina, dificuldades e impressões do mundo e das pessoas em cadernos que ela encontrava no lixo que recolhia. Compilados por Audálio Dantas, esses diários ganharam corpo e *status* de livro, o que transformou Maria Carolina de Jesus em uma das primeiras escritoras negras reconhecidas no Brasil.

Já Anne Frank, uma adolescente judia que sobreviveu por alguns anos num esconderijo em Amsterdã em pleno cenário nazista disseminado na Europa, teve seu diário publicado postumamente. Nele, retratou aspectos de sua vida íntima e do convívio familiar enquanto se abrigava clandestinamente fugindo da perseguição alemã, sem suspeitar que viria a

falecer alguns anos depois de doença contraída em um campo de concentração.

Observa-se, analisando os dois exemplos, que a escrita autobiográfica vai além do simples registro do cotidiano, são espaços onde “as feridas secretas não precisam mais ser guardadas e negadas, passam a ser explicitadas e (re)organizadas (...) Em outras palavras, trata-se de um lugar de empoderamento.” (SOUZA, 2014).

Assim, pretende-se com o estudo: a possibilidade de uma escrita sem medo, sem amarras, sem julgamentos, o registro pleno e livre daqueles a quem muitas vezes é negada a voz e a vez. Mediante a possibilidade de maior contato com obras literárias relevantes de maneira a usufruir momentos nos quais a Literatura será o cerne de todo o trabalho pedagógico, supõe-se que o relato autobiográfico surja de forma espontânea e libertadora.

A partir, então, do entendimento de como os estudos literários se integram aos objetivos disciplinares propostos pela escola, o presente estudo em muito contribuirá para um processo de reflexão acerca da prática pedagógica dos profissionais envolvidos, possibilitando uma oportunidade de repensar seu trabalho junto aos alunos.

A base teórica da pesquisa constitui-se, em sua maioria, por obras de Zilberman(2005)para atestar a importância do emprego da literatura infantil em sala de aula como forma de “alargamento dos horizontes cognitivos do leitor” e por alertar para o perigo de uma escrita literária voltada à doutrinação das mentes infantis, moldando-as conforme o pensamento adulto; por obras, também, de Coelho(2000) reconhecendo sua importância no estudo aprofundado desta área e por sua crença na literatura como alicerce fundamental na formação integral do indivíduo.

Compõem, também, essa pesquisa obras de Paulo Freire (2016) por tratar da importância da leitura da palavra como instrumento de diálogo, reflexão e “transformação permanente da realidade para a libertação dos homens”, as quais se somam as obras de Kramer (2010), por descrever a sala de aula como “espaço vivo de narrativa” e por se debruçar sobre a questão literária no âmbito escolar, sobrepondo o “gosto” ao “hábito”.

Ainda têm elevada importância para a pesquisa autores como Larrosa (2007) por discorrer sobre a experiência da leitura literária na formação do sujeito; a defesa da política de leiturização por Jean Foucambert

(1994, 1998); e Petit (2009) por sua ampla reflexão sobre leitura literária e formação do ser humano.

No que concerne às escritas de si, delineando o gênero autobiográfico, serão de grande valia os estudos amparados pelas obras de Arfuch (2010) e Lejeune (2014) por se tratarem de aprofundamentos teóricos relativos ao gênero pesquisado.

Acredita-se que ao longo da investigação proposta muitos outros autores agregarão conhecimentos válidos e necessários à validação dessa pesquisa, seja pela indicação valiosa dos orientadores e ou pelas questões inerentes ao estudo que se descortinarão nesses meses de trabalho.

4. Metodologia de Pesquisa

A partir da proposição de oficinas literárias nas quais se evidencie o trabalho com a Literatura de forma ampla, lúdica e prazerosa, a pesquisadora poderá analisar se esse tipo de abordagem influenciará numa escrita autobiográfica autônoma e significativa por parte dos alunos.

Oportunizando o contato com títulos diversos, sobretudo aqueles nos quais o gênero autobiográfico ganha destaque e realizando atividades que possibilitem a reflexão sobre os dramas e alegrias vividos pelos personagens das narrativas, espera-se que os alunos sejam capazes de relacionar as histórias relatadas às suas próprias experiências e sintam-se motivados a registrar, também, suas impressões de mundo, anseios, vivências e sentimentos sem preocupações com regras ortográficas ou avaliações pedagógicas.

Ao trabalho proposto, seguirá uma linha de pesquisa descritiva e exploratória. Descritiva por se tratar de uma pesquisa preocupada com a atuação prática dos sujeitos envolvidos e que visa descobrir a associação entre o trabalho com as práticas leitoras a serem desenvolvidas e a escrita autobiográfica dos alunos. Por se tratar de um estudo de caso, a pesquisa também se define como exploratória, já que o objetivo principal é “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2010, p. 54).

Como o objetivo do trabalho perpassa pela observação do fenômeno no seu campo de atuação – o ambiente escolar, mais especificamente, a sala de aula –, visando à análise do cotidiano escolar e confrontando a visão teórica com a realidade que se apresenta no contexto das aulas, optaremos, também, por um estudo de caso.

A abordagem a ser empregada na pesquisa é predominantemente qualitativa, privilegiando-se o contato direto com os sujeitos envolvidos no estudo, tratando de descrever a situação real existente entre o aluno e a leitura, a partir do contexto escolar da sala de aula, para aprofundar questões relacionadas ao cotidiano dessa prática.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados (...) e o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos (...). O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atitudes, nos procedimentos e nas interações cotidianas (...). Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LÚDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

A pesquisa pretende seguir o modelo não-experimental, porque os fenômenos serão observados tal como sejam produzidos em seu contexto natural, para posteriormente serem analisados de acordo com a fundamentação teórica levantada (SAMPIERE, COLLADO; LUCIO, 2006)

5. *Considerações finais*

Ricoeur (1994, p. 116) afirma: “Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. De fato, os seres humanos sempre demonstraram interesse pelas vidas de outros seres humanos – e não apenas porque, muitas vezes, são peculiares, mas também porque as trajetórias dos sujeitos revelam um pouco da história e da vida em sociedade de cada período.

Assim, para além do interesse científico pelo objeto e pelo projeto de pesquisa, a esperança é que a proposta aqui apresentada possa despertar o gosto pela leitura e pela escrita e ainda a curiosidade que, frequentemente, leva o aluno a ampliar seus conhecimentos. Os diários narram vidas, e as vidas narradas se passam dentro de um contexto sociocultural específico. Então, ao entrar em contato com essas histórias de vida, os estudantes podem se interessar não somente em querer conhecer mais da vida de seus autores, como também da história, cultura e da sociedade do momento em que viveram. Podem, por fim, querer também compartilhar com o papel suas próprias experiências – o que implica prática da escrita e a possibilidade do fortalecimento de sua autoestima como sujeito único na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARFUCH, Leonor. *O Espaço Autobiográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. v. 2. Brasília: MEC, 1997.
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires Autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.
- FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FOUCAMBERT, Jean. *A criança, o professor e a leitura*. Tradução: Marleine Cohen; Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. *A leitura em questão*. Trad. de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KRAMER, Sonia. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. São Paulo: Ática, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Global, 2016.
- PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. *Metodologia de pesquisa*. Trad. de Fátima Conceição Murad; Melissa Kassner; Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994.

SOUZA, Elizeu; BALASIANO, Ana Luiza; OLIVEIRA, Anne-Marie (Orgs.) *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: Editora CRV, 2014.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 8. ed. São Paulo: Global, 1994.

_____. *A Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.